



**NOTA:**— Por uma questão de dificuldades inerentes à clandestinidade, só depois de impressas as páginas 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>, pudemos verificar que tinha havido um salto de original.

Essa parte vai aqui reproduzida e pertence ao capítulo que deveria ficar antes do título: **Assembleia Nacional e eleições.**

## A crise já começou «entre os de cima!»

### Trabalhadores e anti-fascistas!

O Governo que se formou há perto de um ano e meio prometera acabar com a luta de classes no país, depois de ter declarado que a luta de classes era *uma invenção dos comunistas*. Mas o que foi visto é que, durante o último ano, no mundo inteiro foi já muito mais dura a luta revolucionária contra o poder do capitalismo e a luta de classes tomou muito maiores proporções em Portugal.

A frente revolucionária de massas contra a ditadura alargou-se enormemente. Novos milhares de camponeses vieram à luta contra a fome e contra o fascismo, debaixo da bandeira de combate do proletariado. Grossas porções de pequenos produtores e de intelectuais reconheceram, com mais força, que *a salvação não está no fascismo, mas sim na luta derradeira pelo esmagamento do fascismo*.

A ditadura não só não foi capaz de impedir, até, o alargamento da luta de classes do proletariado e da rebeldia anti-fascista das massas que já não estavam com ela, como teve e tem que contar com o desmoronamento irremediável das suas próprias forças: uns passam a odia-la; outros dividem-se no próprio campo do «Estado Novo».

O despedimento dos quatro caixeiros do governo salazar representa que «os que estão em cima» «já perdem a cabeça» em face da luta de classes que ameaça transformar-se em revolução imediata pelo derrubamento da ditadura. Representa que «os lobos já se comem uns aos outros». Representa que os capitalistas já não têm outro meio de dominar, que não seja o de queimar a sua própria carne, aqueles que jámais deixaram de ser-lhes fieis, a quem atiram pela borda fóra e acuzam de satanazes, aos quais caberia a responsabilidade dos fracas-





dos do «Estado Novo», quando, afinal de contas, êles nunca passaram de simples caixeiros.

E, entretanto, Salazar fez uma recomposição ministerial para entregar o govêrno da ditadura mais completamente aos capitalistas, aos grandes empresários e aos grandes lavradores.

Caeiro da Mata, o campeão da mentira, sôbe que em Portugal não há crise, nem desemprego, o agente do Banco de Portugal, mantém-se no Ministério dos Estrangeiros. A pasta da Agricultura foi dada a um grande lavrador da Chamusca, grosso comilão da Federação Vinicola do Centro e Sul de Portugal. Para a guerra foi chamado Passos e Sousa o guerrilheiro fascista ou conspirador do revirinho, segundo a melhor mezada que lhe é oferecida pelas camarilhas políticas comandadas pelo capital financeiro.

O novo govêrno representa que os capitalistas e os grandes lavradores se apossam inteiramente do poder do Estado. A realidade da existência da ditadura vai ser o arremesso de novas e mais largas camadas da pequena burguesia e da intelectualidade para a ruína completa. Novos e maiores atentados vão surgir contra o nível de existência do proletariado e dos camponeses.

A declaração Salazarista sôbre «o perigo da perda da independência nacional», não é senão uma manobra fascista que tem por fim acusar de «acto de traição à pátria» todas as acções proletárias e camponesas, contra a exploração capitalista e territorial, colocar a guerra civil contra revolucionária dos grandes ricos contra os oprimidos, como última forma de manter a dominação do capitalismo e a opressão fascista, transformar Portugal em campo de manobras e de operações do imperialismo, no ataque imediato à revolução proletária e camponesa espanhola e apetrechar as forças capitalistas nacionais para a guerra imperialista e anti-soviética.





PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

# Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

## Da imprensa estrangeira

A «Correspondência Internacional Social» publica um artigo, no qual analisa a situação dos trabalhadores, os ataques aos salários, o aumento do custo da vida e a miséria dos operários e dos camponeses portugueses. Refere-se à acção da imprensa revolucionária legal, à luta, nas duras condições em que se efectua, a sua importância internacional e conclui:

«Portugal é actualmente uma «semi-colónia» da Inglaterra que controla, não só o país, mas a guerra e transformá-lo numa das suas bases estratégicas.

Nas escolas militares, os alunos recebem uma preparação teórica adequada a uma intervenção armada na Espanha, no caso duma revolução proletária. Isto atribui ao proletariado português uma tarefa excepcional na luta contra a ditadura fascista.»

## Um busto em Estoril

Em este título publica «L'Humanité», num dos seus números de Outubro, um extenso artigo, dedicado a António Ferro, Salazar e Paul Valéry. Este prefaciou a edição francesa do livro de Ferro, destinado a propaganda do ditador no estrangeiro. Começa por dizer quem é Valéry, mostra como o «secreto da sua glória reside no carácter «confidencial» dos seus livros de tiragem limitada, de preços que os tornam o ornamento das bibliotecas dos coleccionadores e dos especuladoras que compram Valéry, mas não Dekobra».

Valéry é «uma espécie de parasita literário, dum tipo acabado, por assim dizer, o poeta que convém ver de cima, na época do capitalismo financeiro, que é a era do parasitismo triunfante.»

Depois: «Em Portugal, reina o fascismo e a ditadura pessoal dum tal Salazar. Este tem necessidade de crédito e para fazer valer aos olhos dos banqueiros franceses o lido trabalho que faz em Lisboa não lhe bastava fazer com que fosse descrito, por Ferro, homem pouco conhecido da alta França, nem tão pouco juntar a esta descrição um comentário da sua ditatorial não. Tinha necessidade dum fiador de nomeada. Então Valéry prefaciou.» Em 8 páginas o Sr Valéry procura justificar os escudos que lhe deram a ganhar, dando o melhor que sabe, coisa lógicas, a respeito de Salazar. «L'Humanité» acrescenta: «É inútil perguntar aos operários portugueses a sua opinião a seu respeito, para os qual é próprio, no mesmo livro, reconhece, espontaneamente, que até agora nada fez.»

## O movimento revolucionário espanhol obriga Salazar a ultimar os preparativos de guerra

O movimento revolucionário de Outubro, em Espanha, determinou, entre nós, uma concentração de forças reaccionárias, prontas a intervir em caso de triunfo dos revolucionários.

As Astúrias na posse dos mineiros e camponeses, a Catalunha lutando pela sua independência e o resto do país em ebulição, colocavam o Governo espanhol numa situação crítica. Os capitalistas e grandes lavradores tremeram. Lerroux chamou os fuzileiros mouros e a Legião Estrangeira. Não queria pôr em contacto os soldados com os revolucionários. Temia o contacto. Os esquivos mercenários de Marrocos, criminosos de todos os países, foram os defensores do capitalismo espanhol! Sinal evidente de putrefacção duma classe que morre.

Em Portugal, a simpatia pelos acontecimentos da Espanha e a repercussão deles sobre as massas fizeram empalidecer os detentores das terras, dos bancos e das indústrias.

Salazar, logo que chegaram as primeiras notícias, tocou a rebate. Apressou-se a refundir o seu ministério. A missão que a Portugal lóra assumida pela Inglaterra, a de praça forte da reacção na Península, tomou vulto e tornou-se o eixo da política salazarista.

No novo ministério tomam assento: um grande lavrador, Rafael Duque; um camarada de Salazar em Coimbra, Tamagnini; e Passos e Sousa, «revir-lo-fascista», que conspirava ligado aos «reviralhistas».

O governo fica com um carácter mais nitidamente grande burguês e de frente comum de Salazar com «reviralhistas». Com efeito, os bantos desapareceram por completo. Como se trata de lutar contra o comunismo, contra os trabalhadores, os chefes «reviralhistas» esquecem os seus rancôres pela ditadura e abraçam-se a ela, como recurso único para nos fazer frente. Eles põem a claro o jogo que têm feito para retardar e impossibilitar uma acção revolucionária de massas contra a ditadura.

Na nota oficiosa que se seguiu à primeira reunião do governo, diz-se, claramente, que é necessário prepararmo-nos para a eventualidade duma guerra com a Espanha e de marcarmos a nossa posição de independência na Península.

O general Silva Bastos, chefe do Estado Maior do Exército, assistiu, há dias as manobras do exército espanhol. Declarou, quando veio, que por enquanto nada havia a recear da Espanha; que o seu exército não estava à altura da guerra moderna; mas que é necessário prepararmo-nos porque é muito possível que num próximo conflito cada país siga rumo diferente, a reboque de blocos imperialistas diversos e que a revolução soviética era um facto não menos importante a considerar.

Isto demonstra-nos que a preparação política e técnica duma intervenção absorve o governo e o Estado Maior do Exército e que são dados os últimos retoques nos planos da burguesia portuguesa e dos imperialistas ingleses. Prova-nos mais que Portugal será teatro de guerra nos conflitos que dentro em pouco surgirão. Os massacres da Flandres e do Marne, e a morte de milhões de homens, não se passaram a milhares de quilómetros de distância. Nos todos seremos vítimas dos ataques aéreos, das bombas explosivas e incendiárias, da artilharia de longo alcance, dos gases e da morte pelos métodos mais modernos e aperfeiçoados. Tudo será conduzido como na última guerra na Bélgica, no Norte da França e no Sul da Alemanha.

O Partido Comunista Português dirige-se a todos os trabalhadores, aos intelectuais, às mulheres e às juventudes para que se oponham ao monstruoso crime que a burguesia nacional, de acordo com os imperialistas de todo o mundo, preparam.

**Lutemos contra o fascismo assassino e contra a guerra imperialista!**

## Mineiros refugiados em Portugal

Depois dos combates heróicos das Astúrias, muitos camaradas tiveram que emigrar para evitar as violências repressivas do governo. Encontram-se, actualmente, muitos em Portugal. Lutam com dificuldades para se manterem, tendo ainda que se ocultar da polícia portuguesa que os procura para os entregar à polícia espanhola.

«AVANTE», correspondendo a um apêlo do S. V. I. (Secção Portuguesa), lança nas suas colunas uma subscrição para ajudar aos camaradas que se bateram em Oviedo, Trubia e Mieres.

**Todos os trabalhadores devem contribuir!**

## Solidariedade proletária

O Comité Regional de Lisboa, do Partido Comunista dirige, em nome de centenas de camaradas, uma carta ao Embaixador de Espanha, em Lisboa, protestando contra a instauração da pena de morte para os militantes revolucionários e pedindo-lhe que transmitisse ao Governo de Madrid a atitude do proletariado português, de luta persistente até ao derrocamento do capitalismo dos dois lados das fronteiras, que separam os dois países da Península.

Camaradas da Liga Anti-fascista, aos quais se somaram alguns milhares de operários e intelectuais, dirigiram uma mensagem ao Governo Espanhol, protestando também contra o assassinato dos dois mineiros das Astúrias.

É necessário, trabalhadores portugueses, não parar na luta, e necessário continuar e intensificar a campanha de protesto contra a pena de morte e denunciar os propósitos de instauração da ditadura fascista aberta, pelo governo Lerroux-Gil Robles.

Alguns operários espanhóis, como Jesus Hernandez e Diaz Sordo, foram extraditados pelo Governo português. Muitos outros estão presos. Aos monárquicos, evadidos de Vila Cisneros concedeu o governo de Salazar todas as facilidades, inclusive dinheiro, para se instalarem nos Estoris. Para os operários das Astúrias o único asilo é a prisão. Por cima das fronteiras os «patriotas» Salazar-Carmona e Lerroux-Gil Robles dão as mãos para a defesa dos interesses dos ricos e repressão contra os trabalhadores.

Do «Diário de Notícias» de 9-11-1934 recortamos as declarações de Santiago Hernandez, mineiro de 62 anos, preso no Porto, um deamento às crônicas perdas de Armando Boaventura, nas colunas do mesmo jornal:

«Se Corrales era um bandoleiro, como afirmam os jornais, José Guerra era um operário honesto, um exemplaríssimo chefe de família. Quando se escreveu toda a verdade sobre o nosso movimento revolucionário, saber-se-á que ele foi um verdadeiro herói na defesa do seu ideal. Atribui-se-lhe, erradamente, a responsabilidade dum crime que não cometeu, ou melhor ainda, um crime que não existiu, pois tratou-se apenas de um desastre, provocado por imprudência de quem tentou contra o pistillo duma bomba potentíssima que, ao explodir, causou vítimas. Eu e os meus companheiros temos as mãos calejadas pelo trabalho. Não assassinamos mulheres nem crianças. E, após longas horas de luta no quartel da Guarda Civil de Paramo, onde nos ofereceram uma

(Continua na 6.ª página)







# Contra o inimigo comum — a ditadura!

## Proclamação do Partido Comunista Português - (s. p. i. c.)

**Trabalhadores e oprimidos!  
Anti-fascistas de Portugal!**

Salazar, verdugo da opinião pública anti-fascista, faz esforços sobrehumanos, para transpor as dificuldades que se agravam no campo nacional e no seio das próprias forças do fascismo e ameaçam estabelecer a ditadura.

O país acaba de assistir a uma nova recomposição ministerial. Por motivo da recomposição dos comparsas do seu governo, o *capataz-mor* do reinado dos capitalistas, dos grandes livradores e dos generais, veio afirmar-vos, mais uma vez, a sua mais estrita fidelidade ao espírito do «Estado Novo». A imprensa fascisada apressou-se a dizer-vos que «o novo governo é simplesmente um governo renovado»... «um ordenamento de actividades em relação a fins superiores e patrióticos»...

### As paixões e o significado político da última recomposição ministerial — O começo do fim do Império Carmona-Salazar

Há cerca de um ano e meio, em Portugal respirava-se o ambiente das vésperas de graves acontecimentos sociais. Os nacionais-sindicalistas da patrulha Rolão Preto-Monsaraz corriam o país, do norte a sul, em bandos de trauliteiros e de salteadores de estrada, protegidos pelo governo da ditadura, à caça de militantes do Partido Comunista e da organização sindical revolucionária. As massas proletárias e camponesas levantaram-se, vigorosas contra esses bandos do miguelelismo moderno, irmão gêmeo da Polícia de Informações. Mas, ao mesmo tempo que os mercenários do nacional-sindicalismo desciam à rua a alargar o *exército* da reacção Salazarista contra os pobres nos subterfúneos da conspiração capitalista e agrária, procedia-se a conluios militares. Nos grandes centros de reunião e de cavaco do parasitismo burocrático e das esferas superiores do *reviralthismo* fervilhavam os boatos, a propósito dum novo *golpe de Estado na forma*. Segundo a voz corrente dos políticos da burguesia conservadora e liberal o próprio Carmona havia entrado na conjura. Aguardava-se um pronunciamento militar.

Os vozeiros do *reviraltho* e da *transição* aconselharam-vos calma e expectativa. Pediram aos trabalhadores que susperdessem a luta de classes, «porque as acções selvagens, só serviam para comprometer a saída militar ao derrubamento do governo»...

As hostes Salazaristas não ocultavam já o seu extraordinário nervosismo. Choveram as «previsões rigorosas» das forças de mar e terra e Salazar entrou num verdadeiro rodopio de consultas e conferências. O governo publicou muitas *notas officiosas*, sobre a situação política e sobre o perigo comunista, — «o único perigo»...

Certo dia, o país foi informado que se constituiria um novo ministério, de concentração burguesa, para o combate derradeiro ao comunismo, com a concordância de alguns políticos e generais de alta influência — em quem o *reviralthismo* e os partidários da transição haviam depositado muita esperança...

O novo governo formava-se em nome da *união nacional* e do *exercício unido*, para dar caça ao Partido Comunista — o inimigo comum — numa fase da política portuguesa, em que a experiência havia demonstrado, outra vez, que a classe operária e os camponeses pobres não tinham para guia e vanguarda de combate senão o próprio Partido Comunista.

A formação desse governo foi seguida da publicação dum verdadeira montanha de decretos-leis. Em nome do Corporativismo e da economia dirigida — «A Bem da Nação» — Salazar prometeu transformar Portugal num verdadeiro paraíso para os pobres — acabar de vez com o egoísmo do lucro capitalista. Em nome do Corporativismo e do «Estado Novo», que iria levar o país a uma nova e grande «era de ressurgimento» económico e social, esse governo dissolveu os sindicatos independentes, destróçou os últimos restos das liberdades democráticas e de livre expressão do pensamento, encarcerou, torturou e condenou a mais de nove séculos novas centenas de trabalhadores.

A pandilha dos fascistas, desde às cadeiras do poder, até às redações da grande imprensa e aos Salões do Secretariado da Propaganda Nacional, pregou *aos quatro ventos* que só o «Estado Novo» saberia salvaguardar «o bem comum» e levar o país inteiro à felicidade.

Disse mais: — desiludi-vos, ó partidários honestos da revolução social! A Rússia volta novamente para o capitalismo! O que há de novo em todo o mundo é a *exaltação do espírito nacionalista*, que deu, na Alemanha o Poder a Hitler!

### O que era e continua sendo o «ressurgimento português» prometido pelo «Estado Novo»

Mais um ano de ditadura deu a continuação da crise económica mais grave, mais séria e mais profunda de toda a história do capitalismo português. Deu o sexto ano de crise, o que quer dizer que Portugal caiu na crise económica, justamente debaixo da existência da

ditadura. E o reinado de 28 de Maio, que se instalou no poder aos gritos de nacionalismo e da passagem a uma nova era de produção em vistas do mercado interior e da satisfação, cada vez maior, das necessidades das grandes massas; que negou que as forças exteriores do capitalismo pudessem tolher o progresso sempre maior dum país «onde tudo estava por fazer», chegou ao novo ano, abriu bancarrota e já declarou ao país que, enfim, «a crise é uma enfermidade, devida ao que vai pelas outras nações»...

Trabalhadores! Salazar havia afirmado que «com finanças sãs, vos daria uma economia sã»!

Por outro lado, a Rússia Soviética também vive rodeada de países capitalistas sujeitos à crise geral e ali não há crise, nem desemprego!

Durante o último ano os empresários procederam a novas reduções de salários e o custo da vida elevou-se. Do fundo de desemprego, arrancado aos descontos de 2% nos salários, não beneficiaram 5% dos desempregados. E os que trabalham por conta deste fundo não são pagos a mais de meio vencimento *normal*, apesar do seu emprego em trabalhos forçados. Os trabalhadores agrícolas continuam sujeitos às jornadas de «sol a sol», a salários de miséria e a um desemprego de mais de 4 meses em cada ano. Foram feitos novos despedimentos, mais desrespeitado o horário de trabalho e reduzida a taxa de abono das horas extraordinárias.

Hoje, como outrora, 6 grandes proprietários territoriais têm à sua conta 191.000 hectares de terras, enquanto que cerca de 1 milhão de camponeses não dispõem senão de magras leiras, donde a custo arrancam o sustento dos seus lares durante os seis meses de cada ano. Há muitos outros proprietários de latifúndios e mais de 800.000 trabalhadores agrícolas que não dispõem do mais pequeno lote de terra.

A agricultura vinhateira e cerealífera atravessa a maior das crises de todos os tempos. Uma quarta parte da propriedade mobiliária do país encontra-se hipotecada ao capital financeiro e usurário e durante os últimos quatro anos elevaram-se de 760.000 contos as hipotecas. Foram lançados novos e pesados impostos de trabalho, de consumo e indirectos, que agravam a vida das grandes massas.

Pelo contrário, as empresas capitalistas, quasi todas, viram aumentar os seus lucros. Aos monopólios da indústria, do comércio e da agricultura, já existentes e criados pelo governo Carmona-Salazar, foram prestados novas benesses. A Federação dos Produtores do Trigo — o grémio dos grandes lavradores — recebeu 150.000 contos. A Moagem 33.000. A Federação Vinícola do Centro e Sul de Portugal 30.000. As indústrias químicas 27.000. A Indústria textil 25.000. A Casa do Douro 20.000. As empresas de transportes 15.000. A Indústria de Conservas 15.000.

Os únicos que progrediram no país foram os grandes ricos e as receitas do Estado (*Superavit* de 130.000 contos!), quando todas as receitas provenientes das fontes de produção económica baixaram durante este ano!

O último ano de ditadura — o balanço do governo que foi renovado em 23 de Outubro — representa que o «Estado Novo» descarregou quasi todo o fardo da crise económica para cima das camadas pobres e remediadas e que o «ressurgimento português» das afirmações do Salazarismo não passa da impostura dum governo reacçãoário, que apenas acha que deve chamar-se crise ao que possa representar a diminuição dos lucros dos grandes tubarões e que despreza, inteiramente o que se passa no campo das falências e das penhoras dos mais fracos e da redução do nível de existência do proletariado e dos camponeses.

Os saldos das cortas públicas das gerências da ditadura — arrancados ao arrastamento da miséria das grandes massas, não são senão as resíduas com que o «Estado Novo» vai financiar novamente os capitalistas, para que eles aumentem a sua ofensiva sobre os pequenos produtores e sobre os explorados — e para reforçar o armamento militar e policial que ha-de proteger fascistamente essa dupla ofensiva.

### Bancarrota do «Estado Novo»

A crise e a miséria das massas deram golpes sobre golpes na ideia do «Estado Novo». Os decretos fascistas de Dezembro de 1933 encontraram resistência dos trabalhadores, que nalguns Pontos (Marinha Grande) se transformou em insurreição. Depois dum ano de construção do «Estado Novo», os sindicatos nacionais ou são esqueletos ou se transformam em campos de conflitos contra o fascismo, onde se organizam. As «Casas do Povo» são incapazes de amortecer o movimento contra a crise. As tendências anti-fascistas crescem entre os estudantes. Em vez do «Exército unido» a ditadura continua a encontrar-se com a ameaça de novos pronunciamentos militares. A luta do governo Carmona-Salazar pela União Nacional e pela Juventude só conseguiu dar uma «União Nacional», que faz de partido do Governo e uma «A. E. V.», milícia irmã gêmea da Polícia de Informações. A guerra de morte ao Partido Comunista elevou enormemente a heroicidade dos nossos combatentes, não terieno da luta de classes e ante os interrogatórios, os espancamentos policiais e os tribunais do verdugo fascista.





## A crise revolucionária mundial coincide com uma prosperidade da U. R. S. S., até hoje desconhecida do mundo

O triunfo de Hitler, na Alemanha, sob a influencia do qual o Governo Carmona-Salazar quiz marchar a todo o vapor para o fascismo, de pouco valeu à reacção burguesa internacional. O que existe actualmente é que o, Contra processo de Londres, a luta pró libertação de Thaelmann, o caso de Dimitroff, o Tribunal mundial contra o nazismo, arrastaram à luta anti-fascista milhares e milhões de novas reservas do movimento revolucionário mundial e transformou a luta contra Hitler numa luta contra o fascismo, nos quadros de cada nacionalidade sujeita a este modo de reacção. Há pouco teve lugar uma campanha de grèves monstros na América do Norte. Eleva-se a luta nacional revolucionária nas colónias e semi-colónias. A revolução reaccende-se em Cuba.

Assiste-se ainda ao rescaldo das batalhas mil vezes heroicas do proletariado espanhol. Em França foi derrubado o governo fascista de Doumergue e assiste-se ao crescimento do movimento anti-fascista. Na Inglaterra foram batidos os conservadores. O assassinato de Dollfus na Austria e do rei da Jugoslávia e de Barthou em Marselha não conseguiram fazer eclodir imediatamente a nova conflagração mundial que os imperialistas preparam, o que quer dizer que o movimento anti-fascista e revolucionário das massas do mundo inteiro é já uma força que se mede com as forças capitalistas de corrida à nova guerra. Face ao velho mundo que se desmorona, a URSS regista, no activo da comemoração do décimo sétimo ano da sua existência, a entrada no segundo ano do Plano Quinquenal de conclusão da edificação socialista e a sua passagem a potência mundial proletária de tal força, que os Governos dos principais países burgueses — inimigos da URSS — não puderam já deixar de convidá-la a entrar para a Sociedade das Nações.

## Assembleia Nacional e eleições

### Trabalhadores e anti-fascistas!

O desmoronamento da economia nacional e das bases sociais internas e externas de apoio da ditadura e o crescimento da rebeldia das massas colocam o país à beira de novos e mais largos levantamentos revolucionários. O governo precisa arranjar um «para-choques» à tormenta que já assoma no horizonte português.

Esse «para-choques» é a Assembleia Nacional!

A Assembleia Nacional é um *constitucionalismo* fascista — uma simples legalização violenta do fascismo e do terror branco contra os pobres — a que o Salazarismo vai passar a chamar «Estado Novo Constitucional» — expressão da vontade mais alta da Nação!

É em nome desse falso constitucionalismo, arranjado, sobretudo para uso do policialismo e das formas mais abertas do terror fascista, que o «Estado Novo» descarregará, mais brutalmente, para cima dos trabalhadores todo o fardo da crise e da exploração desenfreada dos grandes ricos!

É em nome do «maior sacrifício», legalizado por esse falso constitucionalismo, que o «Estado Novo» consentirá novos agravamentos dos salários e aplicará novos impostos e contribuições, sobre as massas e sumidoras e sobre os pequenos produtores!

É em nome desse falso constitucionalismo, que o «Estado Novo» amordaçará, mais despoticamente, o pensamento livre e moderno e destrocará os últimos restos das conquistas da cultura e da ciência, da própria época revolucionária da burguesia!

É em nome desse falso constitucionalismo, batizado de «vontade soberana da Nação», que o «Estado Novo» correrá, mais loucamente, aos armamentos navais e aéreos e à preparação da guerra — ao emprego das formas da guerra civil contra-revolucionária, contra as massas que se erguem contra a fome no interior; à cruzada imperialista, contra a URSS — e preparará a ofensiva armada, contra a revolução proletária e camponesa espanhola!

Isto é ao que vem a Assembleia Nacional.

Por isso, o decreto sobre as eleições do dia 16 de Dezembro, não dá o direito de intervenção dos Partidos na campanha eleitoral; apenas permite a liberdade de acção ao Partido do Governo — a «União Nacional» — e mantém o Partido Comunista fóra da lei, acuzando-o de partido que é «contrário à existência de Portugal, como nação independente». Isto é dito dos comunistas que constituem, precisamente, o Partido da libertação nacional e social de todos os pobres e oprimidos do país, que luta mais heroicamente contra a dependência, cada vez maior, em que a ditadura coloca Portugal em relação à Inglaterra!

Esse decreto afirma que «o eleitor exerce um direito inalienável»; mas, afinal de contas, o que ali fica *fórcialmente* estabelecido, é que o eleitor não tem o direito de eleger o deputado ou deputados que entenda!

É o governo — que, em verdadeiro constitucionalismo, jamais poderia ser outra coisa do que o poder executivo do voto maioritário da Nação — aparece, afinal de contas, como unidade onnipotente, que não só não faz depender a sua permanência no poder, do voto da Assembleia Nacional, como ainda é ele que determina, quais os deputados que nela poderão tomar assento e obriga esses deputados a prestar-lhe inteira fidelidade e a mais estreita colaboração!

Depois de terem sido eliminados do direito de eleição todos aqueles que o «Estado Novo» achou que podiam servir de entraves à sua política anti-operária de camarilha industrial-agrária-financeira; depois de metade da Assembleia Nacional ser constituída por deputados, nomeados pelo governo, fóra do voto directo da Nação; depois de a ditadura ter proclamado, solenemente, no país e no estrangeiro, que é o governo da maioria do país; depois de todos os embustes fascistas,

que vão limitar a liberdade eleitoral do próximo dia 16 de Dezembro — o governo ainda se arroga o direito de aprovar ou rejeitar a admissão, na Assembleia, mesmo depois de eleito, a qualquer deputado, tido como suspeito à «panela» do «Estado Novo»! Os apaiguados e espias têm o direito de impugnar qualquer candidato! As mesas eleitorais serão constituídas e os votos apenas fiscalizados pelos agentes do governo.

Isto quer dizer que a Assembleia Nacional é um perfeito «guarda-chuva» do «Estado Novo», não passa dum simples côro Salazarista, nomeado Parlamento, e que o próximo acto eleitoral vai ser uma campanha de falsificação de votos, de caciquismo e de «chapeladas», que deixa a perder de vista tudo o que a este respeito é conhecido, através de toda a história eleitoral do país!

### Anti-fascistas de Portugal!

As condições francamente ditatoriais, em que o governo Carmona-Salazar vai procurar constituir a Assembleia Nacional, não representam, de modo nenhum, que o «Estado Novo» tenha conseguido tornar-se uma força representativa do país, ao cabo de oito anos da sua existência. Não, pelo contrário, a prova da maior fraqueza do «Estado Novo»!

O «Estado Novo» lança um novo desafio a toda a população anti-fascista do país.

Todos os anti-fascistas devem ripostar a este desafio do «Estado Novo»!

A próxima campanha eleitoral deve transformar-se numa batalha de demonstração de forças contra o fascismo.

A abstenção em relação às próximas eleições, mantida a que pretexto for — em nome da ideia anarquista, ou de qualquer outra — não representa mais do que o desenvolvimento da luta, em face do inimigo. A abstenção corresponde ao auxílio a que a Assembleia Nacional se constitua, sob o signo da «colaboração», que depois ha-de oprimir as massas, ainda com maior ferocidade!

**Nada de abstenções! Nada de colaboração! Todos ao acto eleitoral, numa firme oposição á ditadura!**

**Porém, a luta eleitoral, não é uma luta de vida ou de morte, nem é tudo, como demonstração de luta nacional anti-fascista!**

(O Partido Comunista explicará, oportunamente, como deverá marcar-se a oposição ao Governo Salazar na campanha do próximo dia 16 de Dezembro.)

A luta anti-fascista deve revestir-se de formas muito mais largas do que as duma campanha meramente eleitoral.

Se o derrubamento da ditadura — e a instauração dum regimen de bem-estar e de liberdade para os pobres — não era possível alcançar-se, por meio do simples emprego dos métodos *revirralistas*, também não é o *revirralismo*, mais a luta, simplesmente, em torno da Assembleia Nacional, que serão suficientes, para derrubar a ditadura.

A ditadura vai para as eleições, pela Assembleia Nacional, por ter reconhecido que só a guerra civil contra-revolucionária da burguesia contra os pobres, pode bastar à dominação presente do capitalismo.

A guerra civil dos ricos contra os pobres só pode opor-se a revolução dos pobres contra os ricos — a luta pelo poder soviético — como meio de derrubar a ditadura.

A revolução, porém, não se faz em 24 horas, nem começa com o *revirralho*. Começa com a luta de massas pelo seu direito à vida, pela reconquista dos seus direitos políticos e sociais, amordaçados pelo fascismo, e acaba com a tomada do poder.

O Presidente do Conselho acaba de declarar ao país que, aos adversários do «Estado Novo» se deve o facto da obra da ditadura não ter ido completamente por diante.

Isto quer dizer, em primeiro lugar, que o próprio «Estado Novo» já reconhece que é incapaz de impedir a luta de classes e as acções anti-fascistas. Em segundo lugar, que a essas acções se deve o facto do «Estado Novo» não ter conseguido descarregar inteiramente o fardo da exploração e opressão capitalistas, para cima das espaldas dos trabalhadores.

O «Estado Novo» indica-vos, explorados e oprimidos, o verdadeiro caminho da revolução.

Alargai a luta eleitoral, com uma tempestade de acções e de protestos:

**Pela amnistia a todos os anti-fascistas encarcerados nas masmorras do salazarismo!**

**Por uma campanha de inverno, contra o fome, pela elevação do nível de vida das massas, pela redução das contribuições e dos impostos aos pequenos produtores e proprietários independentes!**

**Pela liberdade de reunião, de grève e de expressão do pensamento!**

**Contra a corrida aos organos militares, ao Ministério de Defesa Nacional e á nova Guerra!**

**Pela defesa da União Soviética, contra as provocações anti-soviéticas!**

**Por uma franca associação ás campanhas internacionais contra o fascismo e pela libertação de Thaelmann!**



# Construção socialista!

Um inferno para os pobres, na URSS reina a paz, o bem-estar e constrói-se um novo mundo!

## União das Nações

O primeiro Estado Pro-  
posto para a paz

cultura nacional, dum modo geral e, dum modo especial, da sua língua própria. Em nenhum Estado, nunca, se suprimiram, como na União Soviética, os preconceitos de raça e as rivalidades de nações. Onde o Império absorvia e esmagava, os Soviéticos insuflaram novos aentos civilizadores. Exposto isto, o camarada Litvinof, depois da declarar que a União Soviética entra na Sociedade das Nações como representante dum novo sistema social e económico, não renunciando a nenhuma das suas particularidades e conservando intacta a sua personalidade, entrou na análise da Paz.

Ao contrário do que antigamente se supunha, ninguém hoje acredita que baste, para conjurar os perigos da nova guerra, tomar decisões, fazer declarações. É necessário defender a Paz por processos mais efectivos.

Na actual situação política e económica do mundo, nenhuma guerra poderia ser localizada. Qualquer guerra traria, alvaz de si, um cortejo de novas guerras e representaria, por isso, a derrocada de todos os países, beligerantes ou não.

Empobrecimento do mundo inteiro, descida do nível de vida dos trabalhadores manuais e intelectuais, desemprego, queda dos valores culturais, regressão de alguns países a ideologias medievais, tais são as consequências que a última guerra faz sentir tão vivamente, apesar de dezasseis anos ter já passado sobre ela.

Qualquer guerra com objectivos políticos ou económicos não faria mais do que substituir injustiças por injustiças maiores.

Não parece chgado ainda o momento de falar, de modo preciso, dos meios eficazes para prevenir ameaças de guerra ou guerras declaradas abertamente. Não lastimamos promessas de intensões pacíficas. É necessário estabelecer que todos os Estados têm o direito de pedir aos seus vizinhos, imediatos ou afastados, garantias da sua segurança, sem este pedido se considerar como expressão de sentimentos de desconfiança. Os governos de consciência clara, sem propósitos de agressão, não podem negar-se a apresentar garantias mais sólidas do que simples declarações.

Embora sabendo que a Sociedade das Nações não tem meios de anular completamente as guerras, o camarada Litvinof afirmou-se convencido de que uma vontade firme e uma estreita colaboração de todos os países membros da Sociedade, podem reduzir muito os perigos de novos conflitos.

O Governo Soviético trabalhou sempre, desde que existiu, em favor da Paz. Dentro da Sociedade das Nações, onde está para isso, continuará a fazê-lo.

Palavras claras, admiráveis palavras, que são bem o reflexo da vida calma e da vontade firme de Paz da União Soviética, pátria dos trabalhadores.

## Os Intelectuais

Sua vida nos países capitalistas e como vivem e trabalham na URSS

Do mesmo modo que aos operários e aos camponeses, também aos intelectuais o Capitalismo tem tornado a vida amarga. De facto, olhando em redor de si, a grande massa dos trabalhadores intelectuais vê o seu horizonte económico estreitar-se, numa ameaça de afixação.

Acanhados nas suas concepções de pequenos burgueses, desorientados pela crise que os oprime, os intelectuais dos países capitalistas, necessariamente buscam avaliar-se à negra sorte que ameaça a sua vida. Assim se explica, do lado de certos homens de letras e de certos prenosos cientistas, seduzidos pelas possibilidades de resolução do seu problema económico pessoal, em troca de serviços ao Capitalismo, a oposição tenaz à Revolução e a apatia torpida da regressão a tenebrosas ideologias medievais. Claro que, para darem um ar de justificação à sua atitude, se estribam num conceito de supremacia do espírito, que, no seu entender, a Revolução, fundamentalmente materialista, ameaça subverter. Alguns mesmo acabam por se impregnar dum triste arremedo de sinceridade. São, em geral, figuras sapatas, secundárias, dos sectores intelectuais, a quem o Capitalismo, pelas múltiplas bocas da sua publicidade, reveste, em troca dos serviços prestados, dum passapeira aura de celebridade, acrescida de generosa atribuição dum lugarinho público almejado.

A grande massa, porém, dos intelectuais, essa definha-se, no ambiente sufocante.

Na Alemanha calcula-se em 200.000 o número de desempregados com instrução superior. Na Checo-Eslováquia andam por 20.000 os desempregados nas mesmas condições. Nos Estados Unidos é frequente os estudantes universitários desempenharem, fora das horas de estudo, funções de creados de restaurante e outras idênticas. Em Espanha há estudantes de cursos superiores na mesma situação. Em França, só em Paris, contam-se por milhares os artistas sem trabalho.

Coligem-se notícias, consulta-se estatísticas, referentes a este aspecto da vida actual nos países da civilização, e a impressão é a d'uma derrocada sem remédio dos valores culturais.

Em Portugal, o mal é, também, dumo intensidade opressiva. O desemprego força-lo, durante largos anos, é o fim quasi certo de carrear as longas travessias de escolas onde a mocidade fica estagnada. Assim, é frequente apresentarem-se a concursos vários, pessoas cujas habilidades intelectuais excedem enormemente o mínimo exigido. A maioria de nós já tórnou concorrente em já indivíduos com o curso do liceu e a concursos para emprega-

dos dos correios e para funcionários da alfândega nos colónias, para os quais se exigia apenas o 5.º ano liceal, apresentaram-se, há cerca de 2 anos, alguns sujeitos embrulhados em cartas de doutor!

Engenheiros, médicos, advogados, ganham, a tróco dum labor por vezes exaustivo, miseráveis quantias com que enzanam mal a sua pobreza. E isto mesmo, nos e anos após a formatura, quando os primeiros cansaços já os vergam e os cabelos brancos começam a nascer-lhes!

No terreno das Artes, a ficha-se a maioria dos talentos, na medonha conquista dum pão incerto. No campo literário, por sua vez, a desolação é a duma charneira. Raros jornalistas publicar, de quando em quando, livros a incensar a Ditadura. Assim vão amalhando alguns vinténs, sem repugnância pela lama em que se atascam. Quanto aos intelectuais mais propriamente literatos, os romancistas, os poetas, os ensaístas, a síntese da sua obra é um bocejo. Nem actualidade, nem entusiasmo, nem interesse! Romanes circunscri o alcance das de senhoras finas, poemas e artundo insuflâncias ou desvios sexuais, ensaios revolvendo questões mortas.

Um grande último de bafo e de cansaço é o que vem do fundo dessa literatura. E que mais do que isto poderia haver, na verdade, em matéria literária? Quem compra os livros não são os operários e camponeses, por certo, que mal ganham e mal sabem ler, na maioria dos casos, os burgueses de espírito acanhado, que outra coisa a não dizem, se não é isto.

Mesmo assim, porque a grande massa da população é analfabeta, as tiragens dos livros, reduzidíssimas, e nem sequer chegam a dar aos escritores uma magríssima ilusão de lucro.

Degradada a inteligência e com o seu problema económico indesejavelmente constante, e assim que vivem, em Portugal, os escritores.

Ao contrário, na URSS, a vida dos trabalhadores intelectuais é próspera e saudável. A Rússia Soviética não parecem nunca demais adas quaisquer formas de actividade intelectual.

Só durante o ano de 1933 colocaram-se 111/00 novos engenheiros e gramómos. Por todo o país, os laboratórios científicos pulsam e, em cada um d'elles, uma larga e fiabilidade se desenvolve. O cuidado que a Revolução merece a saúde humana, por ser o homem a matéria prima da construção socialista, faz alargar espantosamente o número de médicos, cirurgiões e investigadores e entilhos.

Os artistas, seja qual for o ramo da Arte que cultivem, por toda a parte encontram, na progressiva

constante do trabalho, no seu animo com que se trabalha, novos motivos inspiradores, das suas criações.

Em matéria literária, a URSS caminha hoje indubitavelmente, na vanguarda do mundo. Em relação à de 1928 a produção literária de 1932 aumentou em 50%. E esta produção é tal que, em 1932, se publicaram na URSS mais livros do que na Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, juntamente.

Ao passo que, em todo o século dezanove, se haviam editado na Rússia 250.000 obras, só nos 5 últimos anos publicaram-se 228.000. O total dos livros editados nas línguas das várias nacionalidades que compõem a URSS, exceptuando os publicados em língua Russa, subiu já, em 1930, a 7 milhões de exemplares. Além do mais esse publico, que as tiragens enormes testemunham, os escritores têm mais compensações. Nada lhes falta. E o Estado não os encara como parasitas, ao contrário do que sucede nos países capitalistas; encara-os, sim, como modeladores do espírito humano. Para o demonstrar, bastam as palavras de Staline a tal respeito, por ocasião do recente Congresso dos Escritores Soviéticos.

Disse Staline:

**A obra de edificação socialista dispõe de engenheiros de minas, de engenheiros-arquitectos, de engenheiros-electricistas, que são necessários lhe são. Precisamos de engenheiros que construam fornos Martin e de engenheiros que construam automoveis e tractores. Mas não temos menos necessidade de engenheiros que saibam construir as almas humanas. Vós, os escritores, sois os engenheiros construtores das almas humanas.**

Assim ao passo que, nos países capitalistas, os trabalhadores intelectuais definham, esgotados por um trabalho sem compensação individual e sem alcance social, nunca sonata a pavor pelas incertezas do dia seguinte, na URSS, pátria dos trabalhadores, a sua vida decorre sem inquietação, na plena certeza de que o seu trabalho é útil. Com a degradação e a má fé dos trabalhadores intelectuais dos países capitalistas, contrastam a inteligência e a utilidade social dos seus camaradas soviéticos!

**A União Soviética é a única pátria dos trabalhadores de todo o mundo; antes os trabalhadores não tinham pátria.**





# A vida dos Operários e Camponeses

**FÁBRICA DA POLVORA DE CHELAS** — Não desconheceis, camaradas, os perigos do trabalho com explosivos. Raros são os operários que não estão intoxicados. Nenhuma medida para atenuar os efeitos destruidores do organismo, são tomadas pelos dirigentes da fábrica. Nós somos mortos lentamente no fabrico de materiais para matar os trabalhadores!

Os salários da maioria dos operários não ultrapassam 15\$00, regulam o quasi todos por 12\$00. É insuficiente.

Os mestres e engenheiros militares, adoptam medidas violentas contra os operários e operárias.

Camaradas da fábrica de Chelas e das outras fábricas da marinha de guerra! Organizemo-nos, nas fortalezas em que o capitalismo conta para a próxima guerra, nas fábricas onde trabalhamos a Luta contra a Guerra Imperialista!

**BARREIRO** — Os camaradas do Partido, das Juventudes e operários anti-fascistas desenvolveram grande actividade revolucionária, nos dias 6 e 7. Na noite de 6 afixaram nas paredes e muros da vila, centenas de cartazes e milhares de discursos com palavras de ordem do P. C. e das J. C. e de saudação aos operários e camponeses da URSS. No dia 7 pela manhã a população do Barreiro aglomerava-se na Estação dos Caminhos de Ferro e nos outros pontos principais contemplando as 8 bandeiras rubras que tinham sido içadas pelos nossos camaradas.

**SETUBAL** — Os chauffeurs de táxis reclamaram um dia de descanso por mês! Foi-lhes negado pelos patrões. Um deles apenas lhes concedeu o descanso, mas é um que ganha a menos 6\$00 por dia que os outros.

Entretanto vem um delegado do «Estado Corporativo». Os patrões declaram que não aceitam as 10 horas de trabalho nem o descanso de um dia por mês. Que acabar am com os táxis em Setubal se o Estado os quizesse obrigar a cumprir as leis de Salazar. São chamados ao Governo Civil, são «intimados»

## Solidariedade Proletária

(Continuado da 1.ª página)

resistencia heroica, socorremos carinhosamente os feridos, entre os quais o sargento, comandante daquelle posto. E, no entanto, fomos dominados sanguinariamente por fuzileiros mouroes e por legionários estrangeiros, que mataram, a queimado, a pa, centenares e centenares de companheiros nossos, quando estes, já descrentes da vitória, se dispunham a depor as armas, entregando-se sem condições. Poderíamos resistir ainda, mas isso seria uma luta inglória, um sacrificio inutil.

Ajude-mos os refugiados em Portugal. Protestemos, por toda a parte, contra a sua prisão e extradição, contra a pena de morte para os heróicos revolucionários das Astúrias!

a apresentar um projecto de horário e apresentam um de 60 horas por semana com um dia de descanso. E' rejeita o porque a lei determina 51 horas. Não se aprova o horário, mas continuamos como dantes, sem descanso e com 10, 12 e mais horas de trabalho.

Ninguém os incomoda. Prova-se bem que o Estado está nas mãos dos capitalistas e não é tal, como eles afirmam, um organismo de cooperação de classes...

**ALHOS VEDROS** — As 8 fábricas de cortiça da vila trabalham, actualmente, 6 meses por

ano e os trabalhos rurais quasi que estão parados. A miséria aumenta cada dia que passa. Os salários são limitadíssimos. Os operários enviam os filhos, de 8 a 10 anos para as fábricas e oficinas para conseguirem mais 2\$00 por dia. Nos campos os salários são de 6 e 7 escudos. A fome e a miséria assolam esta região.

Ha dias esteve por cá um bispo. Reabriu-se a igreja fechada há bons 20 anos. Com os do seu séquito arrastou alguns trabalhadores á igreja. Ai houve predica contra a URSS. Que lá comem carne humana. Que não lessem livros que

dizem bem da URSS. Que só em Portugal é que havia livros que dissessem bem daquelle pai e aconselhou uma propaganda feroz contra a patria dos trabalhadores.

Camaradas, comparemos a nossa vida miseravel com a dos nossos camaradas da União Soviética e vejamos se o padre não é apenas um agente dos industriais e dos grandes lavradores, que têm conveniencia em nos manter na mais dura miséria.

**MONTARGIL (Ponte de Sôr)** — Os trabalhadores rurais protestaram junto dos patrões e das autoridades contra o trabalho do solo a 1/1. Organizaram os protestos e impuseram-se de tal modo que conseguiram 8 horas de trabalho por dia. O exemplo serviu aos camaradas de toda a região, que se agitam e procuram impor a jornada de 8 horas e aumento de salários.

Não descanseis, lutai até á satisfação completa das vossas reivindicações. Organizei a luta!

**OLHÃO** — A miséria atinge aqui as proporções duma verdadeira catástrofe, que dizima toda a população conserveira, pescadora e pobre. O governo disse há mais dum ano que ia tomar medidas. Era preciso dar pto e alojamento aos esfomeados. O Administrador do Concelho forma Sindicatos Nacionais. O Teotónio diz que «é preciso educar os patrões e os trabalhadores dentro do espirito do Estado Novo». Salazar diz que «a ideia é cooperativa progrides». As massas de Olhão emigram para Marrocos, a fim de fugirem á morte. As autoridades locais e a imprensa pedem medidas de repressão da emigração clandestina...

## Constitui: Comités de Fábrica! Comités de Camponeses!

«Os COMITÉS DE CAMPONESES significam, para exprimir as coisas simplesmente, um convite para que todos os camponeses ajustem eles próprios as suas contas, sem perda de tempo e directamente, pelos meios mais energicos, com os funcionários e os grandes proprietários. Os comités de camponeses significam um apelo para que o povo, oprimido pelos restos de servidão e por um regimen policial, varra esses vestigios do passado por métodos plebeus, como dizia Marx.»

Lenine

Os COMITÉS DE FÁBRICA são os mais simples organismos de luta. Agrupam os operários de todas as tendências, anarquistas, socialistas, comunistas e sem partido. São eleitos democraticamente, na fábrica. Lutam pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores. Nas actuais condições, devem formar-se por toda a parte comités de fábrica. Eles são dos órgãos mais amplos e a forma orgânica mais desenvolvida da frente única.

## Os camponeses no "Estado Novo"

### Do BOMBARRAL

De como o «Estado Novo» promove a «felicidade» dos camponeses, procurar-mos ajuizar nalgumas destas crónicas e os operários poderão ver que os seus irmãos dos campos desta terra lusitana não ficam a dever nada ao servo das estepes russas, do periodo zarista.

Por via de regra, os camponeses aqui são «proprietários» da casa onde vivem e de uns palmos de terra que amanham. Porém esta «propriedade» não é senão o barço que os amarra á terra, os expõe contra ella e faz com que o produto do seu trabalho vá integro para as mãos dos grandes proprietários e dos agiotas. Como?

E' o que veremos nesta crónica. O camponês ou herda a «propriedade» de seus pais ou conseguiu «nas américas» amellar algo para a comprar. Se herdou encontra-se immediatamente com que tem que passar, ao es ad, «direitos de transmissão». Conso o dinheiro não ha-eza lá por casa e a doença do pai levou os últimos cobres, recorre ao crédito. Se compra ou contrata-se com successivas necessidades de dinheiro com que não contou: adobos, sementes, um boi que morreu, uma má colheita, etc. E vai tambem ao crédito.

Aqui, no crédito reside a odisséia do camponês. O primeiro credor é o comerciante que aliena dollectos enormes que guarda lá, e a co sa em média por 4% ao mês. Pouca coisa: uns 48 por cento ao ano!

Nestas condições o camponês ao chegar ás colheitas verifica que o seu ano de labuta intensa se esgotou

para as mãos do credor e por vezes não chega. Então vem o empréstimo a hipoteca. Se consegue transaccionar com as instituições capitalistas officiaes, depois de mil dificuldades a vencer consegue-lhe emprestem o valor de um terço da propriedade, ao módico juro de 8%, que com amortização e várias alcauvas vem a parar em 15 por cento. Como porém a situação se não modificou, os generos agrícolas continuam pelo preço da uva mijona, se bem que nas cidades, por obra e graça dos intermediários, se vendem a peso de ouro, o camponês, dentro em pouco não poderá fazer face aos encargos. E vem a execução. Mas de 30 por cento dos camponeses desta região têm todas as suas «propriedades» hipotecadas ao almente aos prestamistas officiaes.

Mas estes são ainda os mais felizes, porque os que não conseguem os empréstimos nas entidades officiaes, ou porque ficaram sufocados no meio da papelada burocrática ou porque estas, emprestando-lhe apenas um terço do valor da propriedade, lhe não cediam o bastante para fazer face aos encargos, são forçados a utilizar o agiota que lhe arranca juros que vão até 30 por cento! E estes são a maioria...

De modo que estes «proprietários» levam todo o ano numa violenta labuta de sol a sol e pela noite adiante, com suas mulheres e filhos, passam fome e quando chegam á época das colheitas, não fazem face aos encargos, como são forçados a agravá-los.

## Organizemos a campanha pró-libertação de Thaelmann!

Thaelmann já não pertence apenas ao proletariado. Não é apenas o chefe inquebrantavel do Partido Comunista da Alemanha. É o simbolo da humanidade partidária da nova era, defensor ora do progresso e da cultura, em luta contra a barbarie fascista.

Em todo o mundo, o nome de Thaelmann e as violencias do nazismo contra os anti-fascistas alemães, correm de boca em boca e originam potentes manifestações pela liberdade dos revolucionários de todos os países e pituitistas.

Aos operários juntou-se o que há de melhor nas esferas dos pensadores modernos: Barbusse, Roland, Gide e Lord Marley...

Em Portugal realizam-se as primeiras demonstrações pela libertação de Thaelmann. É preciso prosseguir! A luta por Thaelmann é uma luta contra o fascismo português. É a demonstração da vontade dos trabalhadores em derubar a ditadura de Salazar.

Anti-fascistas! Enviai protestos á embaixada alemã! Enviai saudações, para Berlim, a Thaelmann! Salazar não deixa que elas cheguem ás suas mãos? Terá então conhecimento de como os trabalhadores portugueses lutam contra o nazismo, irmão gêmeo do Salazarismo!